

CONFERÊNCIA

UMA TENTATIVA DE COLONIZAÇÃO NO LITORAL SUL DE SÃO PAULO POR IMIGRANTES ORIUNDOS DO SUL DOS ESTADOS UNIDOS APÓS A GUERRA CIVIL (*).

Na época em que representantes americanos apareceram no Brasil em preparação ou antecipação duma imigração de sulistas dos Estados Unidos, o Brasil era um império com uma economia escravocrata e uma população de nove milhões. O número de “empresários” era grande e a área por eles visitada e examinada enorme. A localidade que levou as autoridades brasileiras e a maioria dos emigrantes americanos a pensar que oferecia mais possibilidades foi o litoral sul de São Paulo.

O Reverendo Dunn, um dos primeiros a chegar ao Brasil e que escolheu o Juquiá, anotou que “o observador casual do pequeno grupo de americanos agora (1865) reunidos na capital do Brasil, poderia anotá-los como os primeiros frutos insignificantes duma emigração que teria logo que acabar em nada” (1). Mas Dunn mesmo não o acreditou. Nem foi acreditado por Graham, Campbell, Rowley, Hughes, Jones, Young, Hastings, Mc Gee, Meriwether, Shaw, Nathan e Lane que também escolheram diversas áreas para colonização no Brasil (2). E ainda menos foi acreditado por M. Mc Mullen e Cel. Bowen, os lançadores da colônia do São Lourenço e seus afluentes, os rios Peixe, Azeite, Areado e Guanhanhã; ou pelo Dr. Gaston e os que o seguiram a Xiririca, nem pelo Capt. Buhlaw e Mr. Totten em Cananéia.

E’ verdade que hoje é difícil achar vestígios dêste movimento no litoral sul mas algum sinal ficou na história. Pelo menos

(*) — Conferência pronunciada na Sociedade de Estudos Históricos no segundo semestre de 1956 (*Nota da Redação*).

(1). — Ballard S. Dunn, *Brazil: Home for Southerners* (New York: Richardson, 1866), pág. 77.

(2). — “Imigração norte-americana”, *Diário Oficial do Império do Brasil*, n.º 150, 4 de junho de 1867, pág. 3. Veja também, “Terras contratadas ou garantidas a bem da imigração”, *Ibid.*, pág. 2.

algumas páginas sobre homens, mulheres, crianças que procuraram Canaã na costa de São Paulo. Talvez não mais que os portugueses que procuraram Canaã lá mesmo no século XVI e acharam Cananéia, ou os Guarani que procuraram *Guanhanhã* (a terra de seu deus — a terra sem mal) e acharam a Serra dos Itatins e o Morro de Itinga e os Rios Peixe, Azeite e Guanhanhã.

A história dos sulistas americanos no Brasil tem suas raízes no desenvolvimento dos Estados Unidos, na expansão para o oeste, na escravidão, no *Manifest Destiny*, no “golpe” do Sul, numa tentativa de manter sua posição dominante, contra seu próprio governo. Mas as páginas que pertencem a ela são aquelas que começou com a primavera de 1865 quando o Sul foi vencido pelo Norte. O General Lee mal acabava de entregar sua espada ao General Grant quando “empresários” de imigração largaram de sua terra nativa para achar outras — uns acharam o Brasil — e outros, especificamente, o litoral sul de São Paulo.

O Reverendo Ballard Smith Dunn, reitor da Igreja de St. Phillips em Nova Orleans saiu do Exército dos Estados Confederados do Sul dando seu “juramento de lealdade” ao Governo Federal contra quem êle lutou e pediu licença para viajar. Tendo pouco dinheiro, arrumou um desconto razoável no barco à vela “Valiant” para o Rio de Janeiro. Depois duma viagem de sessenta dias no mar, em “seu melhor e também único terno”, procurou o Ministro da Agricultura, Paula Souza, explicando que queria tornar-se cidadão brasileiro e formar uma colônia de sulistas americanos, como êle, no Brasil. O ministro deu trânsito, guias e auxílio para tôdas as suas necessidades e facilitou sua investigação nas terras do Brasil. Dunn logo foi para Espirito Santo e para o interior do Estado do Rio de Janeiro, mas achou as terras, embora boas, muito caras e os lotes muito pequenos. Foi para o sul e lá encontrou terras bem superiores às que êle esperava achar — o vale do Juquiá (3).

A maior parte do vale era composta de terras devolutas. Dunn foi imediatamente ao Rio de Janeiro e pediu sua patente de naturalização, recebendo-a logo por ato especial da Câmara e por decreto do Imperador. Também recebeu título provisório das terras do Juquiá e a autoridade para controlar sua ocupação.

Dunn voltou novamente ao Juquiá levando consigo uns compatriotas, todos sulistas e entre êles um capitalista. Entre a vasta propriedade que pertencia a Dunn provisoriamente, havia várias posses que o capitalista comprou no nome dêle e de Dunn. O Reverendo assim ficou dono duma área de cem milhas quadradas.

(3). — Dunn, *op. cit.*, págs. 142-143.

A área toda deu o nome de *Lizzieland* em honra de sua primeira mulher (4), a um riacho sem nome, deu o nome de sua primeira filha, Cornélia, e a residência central o nome dêle, Ballard.

Na mesma época em que Dunn veio para o Brasil, veio também o Dr. James Mc Fadden Gaston. Nascido na cidade de Colúmbia, no Estado de Carolina do Sul, e médico cirurgião do Exército Confederado, saiu de Colúmbia no dia 26 de junho de 1865 para Nova Orleans, daí para Nova York, onde num vapor veio para o Brasil (5). No Brasil explicou seus motivos às autoridades brasileiras e viajando por conta do govêrno brasileiro por trem (havia uma linha de Santos a Jundiáí), burro, barco, canoa, ou a pé por toda parte, relativamente acessível, do Estado de São Paulo, — Santos, Itanhaém, Campinas, Limeira, Araraquara, Jaú, Piracicaba, Sorocaba, Itapetininga, Faxina, Iguape, Cananéia e outras cidades, vilas e lugarejos situados entre êstes. Gostou imensamente das terras entre Campinas, Limeira, Araraquara e Jaú, mas encontrando-se com o General W. W. W. Wood, já conhecido de Gaston e tendo uma antipatia por êle, continuou as suas viagens de investigação. Wood tinha escolhido Araraquara.

Wood, advogado e jornalista no Estado de Mississippi, era o representante de várias organizações para emigrantes nos Estados Unidos. Gaston e Wood encontraram-se pela primeira vez em Nova Orleans antes de virem para o Brasil e Wood contou que representava 500 famílias em Mississippi. Encontrando-se pela segunda vez no Brasil, Gaston ficou sabendo que a responsabilidade de Wood aumentara tanto que abrangia sete Estados (6). Viajava com uma equipe de conselheiros e ajudantes americanos e brasileiros, vários serventes e uns tropeiros. Fêz a viagem a Jundiáí numa carruagem de quatro cavalos e, além de ser festejado por D. Pedro, foi recebido com festas e fogos em tôdas as povoações que visitou. Em trajes militares, com galões e divisas de general, Wood andava também com os generais da Guerra do Paraguai. Ficou pouco tempo no interior de São Paulo, voltou ao Rio de Janeiro, agradeceu a D. Pedro II e aos oficiais, prometendo trazer muitos imigrantes. Foi embora do Brasil no navio *South America* e chegou em Nova York no dia 25 de janeiro de 1866. Os jornais

(4). — Parece que Hill acredita que *Lizzieland* foi o nome dado ao lugar em honra duma das filhas de Dunn, veja Lawrence F. Hill, *The Confederate Exodus to Latin America* (Austin, 1936), pág. 30 e pág. 42. Entre os herdeiros de Dunn não consta nenhuma filha com nome de Elisabeth, mas esse é o nome de sua primeira esposa que morreu no Texas no dia 7 de setembro de 1865: *Death Certificate*, Elisabeth S. Dunn (Tabelião Eugênio Hollender) n.º 25860 — 28-8.

(5). — James Mc Fadden Gaston, *Hunting a Home in Brazil* (Philadelphia: King and Baird, 1867), pág. 13.

(6). — *Ibid.*, pág. 199.

do Sul publicaram reportagens de suas atividades no Brasil antes mesmo de sua chegada (7). Sua visita foi produtiva só para seus próprios divertimentos — o Brasil não ouviu mais falar d'êles (8).

No Rio de Janeiro, novamente, Gaston encontrou com o Major Meriwether e o Dr. Shaw, representantes duma organização de emigração. Gaston apresentou-os ao Ministro Paula Souza que proporcionou-lhes as mesmas facilidades que aos outros. Junto com Gaston, Meriwether e Shaw, foram a Santos e vizinhanças. Não gostaram das terras, da produtividade, da área em geral e foram para o interior. Já conhecendo as terras que Meriwether e Shaw iam ver — a área de Campinas, Limeira, Araraquara, Jaú — Gaston separou-se d'êles indo para Itapetininga, Faxina (Itapeva) e Xiririca (Eldorado Paulista). Foi em Xiririca que êle encontrou o que estava procurando — lares para emigrantes sulistas dos Estados Unidos (9).

E foi em Iguape que Gaston encontrou Dunn. Os dois trocaram notas. Satisfeito em saber que a colônia d'êles teria vizinhos americanos da colônia de Dunn no Juquiá, e que uma estrada estava para ser feita entre Juquiá e as famosas minas de ferro de Ipanema (Varnhagem), e que as terras que êle escolhera eram boas e produtivas, a área saudável, com vias de comunicação pelo Ribeira de Iguape e logo, segundo as promessas do Ministério da Agricultura, teria estradas, Gaston fêz suas declarações oficiais na Capital e foi para os Estados Unidos. Lá, publicou em Filadélfia seu diário sob o título de *Hunting a Home in Brazil* (Procurando Lar no Brasil) que foi pôsto nas mãos dum agente e com uns cem emigrantes, embarcou em Savannah, um pôrto no Estado de Geórgia, em abril de 1867 para Xiririca (10).

Pouco depois Dunn encontrou com Mr. Mc Millen e o Cel. Bowen do Texas, interessados nas terras do Juquiá (11), mas, como já tinham sido escolhidas por Dunn, subiram o São Lourenço onde escolheram uma área que, para os texanos, era bem superior a do Juquiá. Do Ministério êles receberam os mesmos direitos que Gaston e Dunn — título provisório e, com o pagamento das terras, título definitivo cujo preço tinha como base um real por braça quadrada, medição e marcação incluída; a quantia das terras a serem vendidas aos emigrantes sob a responsabilidade de seus representantes que tiveram a incumbência também dos pagamentos ao go-

(7). — Hill, *op. cit.*, pág. 28.

(8). — George Scarsborough Barnsley, "Americans in Brazil: Reminiscences of 50 Years Ago", *Times of Brazil*, São Paulo (31 de maio de 1919).

(9). — Gaston, *op. cit.*, págs. 373-374.

(10). — Hill, *op. cit.*, pág. 28.

(11). — Dunn, *op. cit.*, pág. 167.

vêrno; todos os implementos de agricultura, manufatura, máquinas e outros objetos que os emigrantes trariam consigo, entrariam sem impostos de alfândega; o govêrno brasileiro assumindo a responsabilidade pela hospedagem e prometendo pagar o frete dum navio para cada dois fretados por empresário, ou então a passagem poderia ser adiantada e o pagamento feito depois da chegada, o empresário assumindo a responsabilidade de pagá-la dentro de três ou quatro anos. O pôrto mais perto das colônias de Mc Mullen, Dunn e Gaston era Iguape que, não tendo alfândega, os emigrantes poderiam desembarcar sem passar pelo Rio de Janeiro, comunicando ao govêrno a sua chegada. Mc Mullen tirou uma patente de naturalização e, deixando Bowen no São Lourenço para cuidar lá de seus interesses, foi para o Texas.

As atividades no litoral sul já tinham começado. Cananéia com uma colônia de inglêses e irlandeses estava em plena formação — Buhlaw e Totten construindo estradas para esta colônia do govêrno e planejando uma outra colônia própria enquanto desenvolviam ainda outros negócios — engenhos de vapor para cortar madeira e para beneficiar arroz e milho para o mercado — financiados pelo govêrno.

Dunn também mandou aprontar *Lizzieland* e tendo certeza que poderia produzir algodão, açúcar, tabaco e café, pôs suas casas em ordem, deixando seu sócio cuidando delas e foi para os Estados Unidos em busca de emigrantes. Em Nova York, publicou seu relatório; experiências, diatribes, propaganda e os relatórios de Gaston, Meriwether e Shaw, e Bowen e Mc Mullen (Bowen e Mc Mullen só entregaram seu relatório ao govêrno brasileiro, sob o título *Brazil: Home for Southerners* (Brasil: Lar para os Sulistas).

As publicações de Dunn e Gaston, as organizações de emigração e os jornais do Sul fizeram tanta propaganda que mesmo os jornais do Norte acreditaram e até publicaram que mais de 50.000 sulistas estavam prontos para emigrar para a América do Sul. A verdade é que não havia mais de 10.000 que emigraram para os diferentes países sul-americanos, cifra da qual pode ser calculado que uns 2.000 vieram para o Brasil — uns 800, para São Paulo. E, além de tudo, não era um grupo homogêneo. Pelo menos um líder da emigração era nortista (Hastings) e muitos emigrantes não eram sulistas e uns nem naturais dos Estados Unidos. Eram poucos os que tiveram grandes fazendas e muitos os que não eram, necessariamente, a favor de escravidão. Na sua maioria trabalhavam êles mesmos próprios as terras que largaram nos Estados Unidos e, êles mesmos trabalharam nas terras que adquiriram no Brasil. Havia os que nunca tinham cultivado terras e de forma algu-

ma se identificavam com a lavoura. Havia negociantes, mecânicos, médicos, dentistas, operários, pessoas de todos os ramos de atividade. Uns eram ricos, mas a maioria era pobre, ficando ainda mais pobres por causa da viagem e uns num estado ainda pior após chegarem ao seu destino. Uns venceram, outros ficaram até ricos.

E' interessante notar que em todos os grupos que vieram para o Brasil havia texanos e, num, o de Frank Mc Mullen, quase todos eram texanos. Uma geração antes da Guerra Civil, o Texas não pertencia aos Estados Unidos e os americanos no Texas naquela época, com poucas exceções, tinham nascido em outros estados do Sul e também do Norte. Além disto, o pouco tempo que existira entre estabelecer-se como um Estado dos Estados Unidos e a Guerra Civil, o conflito constante de escravidão *versus* abolição — que era extremamente forte no Texas, — e as bravas lutas inacabadas com os índios e mexicanos atrasaram o desenvolvimento da sua formação. Embora arriscado, ainda havia lugar para novos cidadãos e por isso os emigrantes do Texas que vieram para o Brasil eram, em grande parte, nascidos em outros Estados e no exterior. Muitos dêles estiveram no Texas seguindo uma bandeira que tinha como seu princípio básico o de procurar lar no Texas. A Guerra Civil não deu tempo para resolver o problema e a ameaça da “vingança dos conquistadores” e a “Reconstrução”, por outros, diminuiu a vontade de resolver o problema dentro do Estado, se existisse uma outra saída.

Isto foi o caso de muitos que seguiram Frank Mc Mullen. Mc Mullen mesmo era duma família que emigrou para o Texas e mais tarde emigrou para o Brasil (12). Demonstrou uma devoção aos que lhe seguiram que quase garantiu o sucesso de sua aventura. Embora tuberculoso e apesar de enorme dificuldades, a força de sua vontade, sua honestidade, consideração e sacrifício, manteve o grupo unido até sua morte.

Entre os que seguiram Mc Mullen havia uma família chamada Smith. Alfred Smith era uma pessoa muito hábil e além disso, professor de música. Sua espôsa, Sarah, era uma boa dona de casa e excelente mãe que, apesar de qualquer dificuldade, vivia pelo código — “Deus dá, sua vontade será feita”. Juntos ensinaram seus filhos, Eugene, Penny, Marsene, Tuely Preston e Belona a ler e escrever antes de terem seis anos de idade. Contaram tanto as histórias da Bíblia que as crianças ficaram conhecendo-as de cor. Ensinaram-lhes suas tarefas e o “Caminho de Deus”, e quando precisavam, apanhavam. Os Smith tinham uma grande

(12). — S. B. Ferguson, “The American Colonies Emigrating to Brazil”, *Times of Brazil*, (18 de dezembro de 1936).

amizade com Franck Mc Mullen. Frank quando rapaz, fôra aluno do Prof. Smith e quando homem, foi êle que levou o professor ao Texas. O pai de Frank, Hugh Mc Mullen, por sua vez, foi como pai para Smith, orientando seu comêço no Texas e até dando-lhe uma posse de terras. Quando acabou a Guerra e enfrentaram a ameaça da “nova ordem”, Frank foi para a América do Sul com o fito de estabelecer-se em qualquer outro país em vez de ficar no seu. O Prof. Smith também, independentemente, vendeu suas propriedades e já estava planejando levar sua família para o México quando Frank lhe informou o que o Brasil tinha para lhe oferecer (13).

No dia 9 de novembro de 1866 a família Smith largou de seu lar em Navaro County, Texas, e num *Covered Wagon* (vagão coberto) fêz a viagem de duas semanas a Milligen, a estação da Estrada de ferro mais próxima. Antes de chegar a Milligen, encontraram com Mr. Green, suas três filhas e três filhos viajando da mesma forma e também indo para o Brasil. Em Milligen as duas famílias fizeram um acampamento nos arredores da cidade. Outras famílias logo apareceram, entre elas a de Jess Wright, o velho Garner e sua filha viúva e os Cook. Juntos, alugaram um vagão bagageiro no trem em que colocaram bagagem, mulheres e crianças e foram para Galveston. Para as crianças e muitos dos adultos foi a primeira vez que viajaram por trem. Com a madrugada tiveram sua primeira visão de Galveston com seus barcos na baía — os primeiros barcos que tinham visto. Em Galveston, os homens arrumaram café quente e pão e foram procurar o acampamento para emigrantes. No acampamento levantaram suas tendas onde ficaram uns três meses esperando os outros. Pouco a pouco chegaram os Tarver, os Nettles, Cortez Fielder, o Revdo. Quillan, Walter Schofield, o Rev. Ratcliff, Judson Pyles, os Crawley, a família de Frank Mc Mullen: a sua mãe, seu irmão mais novo, Ney, suas irmãs, Mrs. Odell (viúva) e Mrs. Moore, e seu tio o Juiz Dyre. Esperando em Galveston, o dentista Moore, cunhado de Mc Mullen, deixou cair um revólver quando o examinava. Gravemente ferido, sua perna foi amputada abaixo do joelho. Mas os Moore não abandonaram os outros. O Dr. George Scarsborough Barnsley foi contratado como médico dos emigrantes e foi acompanhado por seu irmão, Lucian. Os irmãos Mc Knight chegaram atrasados duas semanas devido o nascimento de Johnny, o novo filho de Calvin. O número dos emigrantes cresceu até uns 140, não todos do Texas. Estavam representados vários Estados e, segundo Barnsley, é duvidoso se “desde as Cru-

(13). — *Ibid.*

zadas houvesse tal aglomeração de homens e mulheres tão diferentes em suas origens, costumes e hábitos” (14), embora Barnsley sempre os chamasse de texanos.

Mc Mullen fretou um velho, mas forte, barco de vela, o *Derby*, com o Capitão John Cross. O barco tinha seguros, mas, ou tinha dívidas demais, ou donos demais, porque demorou semanas para poder sair do pôrto legalmente. Os emigrantes já estavam descontentes e ansiosos por causa de outros atrasos e por terem que pagar adiantado a sua passagem. As condições do pagamento da passagem eram iguais às que o govêrno brasileiro oferecera a Gaston, Dunn, Gunther e aos outros, incluindo as dos ingleses do contrato de Mathews, o empresário inglês. Mas os texanos cêdo mostraram sua insatisfação. Formaram “comunas” como na Revolução Francesa e escolheram os velhos para comprar as cousas necessárias para a viagem. Sem respeitar os conselhos do Capitão Cross e seus marinheiros, a comissão comprou toucinho gordo e velho, farinha, um pouco de biscoito, fubá, um pouco de feijão, muito pouco vinagre e dois barris de *choucrut*. Para dar espaço a tôdas às famílias, tiraram tudo de dentro do barco, deixando uma pequena área atrás para sua bagagem — caixas velhas, cadeiras, ferraduras, amoladores de pedra, pedaços de ferro, colchões de pena. No meio do salão puseram uma mesa grande, pregada ao chão, embaixo da qual colocaram os baús. Uma série de divisões com prateleiras para dormir serviu como suas cabines. Proibições apareceram por parte dos oficiais do Departamento de Saúde e uma vez resolvidas, com receio de encontrar mais complicações e mais atrasos saiu o *Derby* do pôrto de Galveston, tendo a “comuna” se esquecido de levar água suficiente para beber.

No dia 24 de janeiro de 1866 as velas do *Derby* foram desfraldadas nas águas do Gôlfo do México. Logo que perderam de vista a terra, os membros da “comuna” fizeram discursos, uns violentos, contra a conduta do Capitão Cross, pondo a culpa do atraso de quatro meses e milhares de dólares de gastos nas suas costas. Êle se defendeu diante da côrte da “comuna” e negou tôdas as acusações, mas não pôde estabelecer sua inocência. Um texano propôs jogar o capitão no mar, tendo êste levantado a questão de quem então iria dirigir o barco. A “comuna” não estava preocupada com isso. Tinha certeza que entre êles alguém poderia cuidar disto. Falaram com o cozinheiro, os oficiais, os marinheiros — todos foram examinados por Barnsley que fizera um cursinho de navegação quando estudava na Universidade. O próprio Barnsley ajudou a situação ao ponto de acomodação, tendo o capitão assu-

(14). — Barnsley, *op. cit.*, (14 de junho de 1919).

mido o contrôlle novamente. O barco dirigiu-se para a bôca do Rio Mississippi para obter água.

Com água suficiente até Cuba, onde parariam para conseguir mais água, mais uma vez as velas do *Derby* foram lançadas às brisas. Com um tempo bom e ventos fortes e não mais de um dia de Cuba a “comuna” descansou; Mc Mullen ensinava português, enquanto outros pensavam na vida boa que iriam levar na terra da “primavera eterna” (o Brasil). Belona, a caçula dos Smith, ficou encantada com dois barcos à vela vistos à distância e uma baleia que descansava pacificamente nas águas calmas.

Mas, na mesma tarde bateu um vento do Norte. Ondas enormes passaram por cima do barco, águas entraram por tôda parte e o Revdo. Quillan avisou-os, “é o fim”. Lá pelas nove horas Barnsley estava na cama, a “comuna” também, segundo Barnsley, estava “pensando no destino do Mr. Jonah de fama bíblica”. Às duas horas da madrugada, Lucian, seu irmão, chamou para avisá-lo que além do mau tempo o barco estava fazendo água, o leme estava preso, as velas desfraldadas e que o Capitão Cross depois de dizer que todo o mundo naquela noite iria ou ao céu, ou ao inferno, deitou-se e estava dormindo. Os próprios passageiros trabalharam nas bombas em turmas, sendo a primeira turma a de Cortez Fielder e Eugene Smith, das 20 às 22 horas. Todos os marinheiros estavam dormindo. O único homem no convés era Walter Schofield que resolveu ficar lá mesmo, até aparecer “o dia ou, qualquer outra coisa acontecer” (15).

O dia apareceu, mas logo antes dêle uma outra coisa aconteceu! Lá pelas 3,30 horas da madrugada a situação piorou. A terra estava à vista. Segundo as recordações de Belona, foram Mc Mullen, Dyre e uns outros, com revólveres, que forçaram o capitão soltar o leme. Quando êle deu ordens aos marinheiros para cortar o mastro, os texanos, com seus revólveres, não deixaram. O capitão sob ordens pôs o resto das velas. Neste instante uma onda enorme bateu do estibordo empurrando todos e tudo em seu caminho para o convés ou para dentro do porão. Alguns homens foram jogados para baixo dos barris de água, outro caiu no mar, mas uma onda trouxe-o de volta. Os irmãos Barnsley foram salvos pelas cordas sôltas. Segundo Barnsley, a “comuna” levantou mas ficou quieta, os que não tinham esquecido de rezar, rezaram; outros se divertiram, acostumados aos perigos de centenas de batalhas” (16).

(15). — Eugene B. Smith, “Sailing Down to Rio, 66-67” *Brazilian American*, (9 de maio de 1931).

(16). — Barnsley, *op. cit.*, (7 de junho de 1919).

Umás duas horas antes de aparecer o dia o *Derby* bateu nas pedras, o vento empurrando-o sôbre elas até que ficou prêso entre uma rocha alta a uns 200 metros da praia. Embora a “comuna” tenha ameaçado o capitão em sua vida, em seu julgamento uns dias antes, se êle não pusesse o grupo em terra, em Cuba, agora com a única esperança de segurança 200 metros adiante ninguém quis executar a sentença. O Capitão Cross mandou uns marinheiros para as pedras, jogando cabos para êles, desceu os passageiros um por um até as pedras embaixo. Os marinheiros livraram os passageiros das cordas, deixando os homens pular duma rocha para a outra até chegar à praia. Os marinheiros trouxeram as mulheres e crianças. O próprio Capitão Cross, com uma criança de colo presa em seus dentes, deixando suas mãos livres, desceu e entregou a criança ao pai que esperava embaixo. Todos foram salvos. O grupo ficou intacto, menos o primeiro passageiro a descer, que ao chegar à praia, fugiu para o interior e nunca mais ouviram falar dêle. O acidente mais grave foi o de Mr. Crawley de Fairfield, Texas. Caiu da mesa em que estava dormindo quando o barco bateu, e quebrou a clavícula (17).

Da praia êles viram suas bagagens e mantimentos escapando pelo buraco no lado do barco e sendo levados pelo mar. Ficaram sabendo depois que os dois barcos vistos na tarde anterior tinham naufragado e morrido quase todos os tripulantes. Os passageiros do *Derby* foram salvos, mas arribaram numa praia isolada umas trinta milhas de Havana. Sem embargo, moradores do interior vieram para ajudá-los.

Barnsley, como médico da turma, aproveitou a oportunidade para dizer à “comuna” que fôra “uma providência da caridade que naufragara o *Derby*. As condições higiênicas eram tais que seria duvidoso se mais de um têrço chegasse ao Brasil”. Êste “pedaço de sorte” foi seguido por outro. Entre os cubanos que vieram do interior, um sr. Verne, fazendeiro e fabricante de telhas, pôs ao dispor dos naufragos carros de boi com camaradas e os levou para a sua fazenda, deixando-os ficar num prédio grande e confortável. Ficaram lá uns dias até chegarem os mantimentos, bagagens e tendas que foram salvas. O sr. Verne também deu tanto quanto precisaram de batatas e mandioca e, para o uso dêles, mandou abater uma rez duas vêzes por semana.

O Capitão Cross ficou com os emigrantes por uns dias, consertando o *Derby*. Quando o brigue pôde voltar ao mar, Cross o abordou e abriu velas para os Estados Unidos, deixando seus passageiros em Cuba. Mc Mullen seguiu para Havana para achar

(17). — Smith, *op. cit.*

outro barco a fim de continuar a viagem para o Brasil. Não podendo achar um que fizesse a viagem rumou para Nova York. Lá conseguiu um contrato com um vapor de Nova Orleans para levar os emigrantes de Cuba para Nova York, onde poderiam embarcar num dos vapores que faziam parte duma linha regular para o Rio de Janeiro.

As notícias chegaram logo e os emigrantes mudaram-se para Havana. Mais uma vez viajaram em carros de boi, desta feita até Guanajay, onde tomaram o trem para Havana, distante umas trinta milhas. Em todo o caminho foram bem tratados com jantares, festas, etc., chegaram a Havana antes do vapor atracar e ficaram hospedados num depósito da *Hoose Railroad Company*. As Irmãs de Caridade trouxeram-lhes roupas, o cônsul português e a Condessa de Montserrat e outras mais arrumaram dinheiro.

No dia 10 de março de 1867 embarcaram no vapor *Mariposa* para Nova York, via Norfolk. Mais uma vez atrasaram. Por causa duma tempestade, o *Mariposa* teve que ficar ancorado uma semana em Hampton Roads. Além de ficarem constantemente molhados, as condições eram extremamente difíceis, o Dr. Barnsley ameaçando os oficiais de reclamar ante a Comissão Sanitária de Nova York pelo fato de colocarem “uns 130 homens, mulheres e crianças todos juntos dentro dum quarto pequeno sem pensar em seu conforto, como se fôsem outros tantos escravos trazidos da África” (18). Ao sair de Hampton Roads um outro barco bateu no *Mariposa*. E em Norfolk os Nettles abandonaram o grupo.

Por causa de tanta demora perderam o vapor de Nova York ao Rio de Janeiro, tendo que ficar lá um mês, hospedados num prédio grande. Os irmãos Mc Knight, texanos, originalmente de Pensilvânia aproveitaram a oportunidade para visitar sua mãe aí. Os missionários deram duas caixas de livros aos emigrantes que mais tarde serviram muito bem nos sertões do Brasil. Ainda que existissem atitudes seccionais entre sulistas e nortistas, foram eles bem tratados lá e até divertiram-se. Não havia grandes dificuldades até quando grassou a varíola entre eles, foram imediatamente vacinados, isolando-se os que já estavam infeccionados, evitando complicações.

No dia 22 de abril de 1867 os texanos embarcaram no vapor *North America* com o Capitão Tinklepaugh. No barco encontraram-se com emigrantes do grupo do Dr. Gaston, e também o dos irlandeses. A viagem dum mês até a baía do Rio de Janeiro não teve grandes aborrecimentos. Na baía um outro barco bateu no *North America* deixando um buraco grande na proa. Os emi-

(18). — Barnsley, *op. cit.*, (14 de junho de 1919).

grandes ficaram alarmados, mas os marinheiros colocaram uma vela no buraco e levaram o navio para o pôrto. Os emigrantes não foram muito bem tratados pelos oficiais de bordo e as autoridades brasileiras multaram o *North America* em cinco contos.

No Rio de Janeiro ficaram hospedados num hotel confortável, com comida excelente e até foram visitados por D. Pedro. Os emigrantes do grupo de Mc Mullen, por causa da série de dificuldades que encontraram, não tiveram que pagar sua passagem de Havana a Nova York e ao Rio.

O *Talismã* com trinta e cinco emigrantes de Nova Orleans já tinha chegado. O vapor *Marion*, também de Nova Orleans, chegou com 265 emigrantes no dia 17 de maio (19) um pouco antes do *North America*. Muitas famílias do *Marion* quando embarcaram, planejaram colocar-se na colônia do Revdo. Dunn — *Lizzie-land* no Juquiá. Mas mudaram completamente de idéia antes de sua chegada ao Rio de Janeiro. Não tinham escolhido ainda uma outra colônia, mas resolveram não ir de forma alguma com alguém que fôra “pago um tanto por cabeça” para trazê-los. Eram poucos os que ficaram com Dunn, até, segundo Barnsley, ninguém. Muitos do *Marion* gostaram de Mc Mullen, justo e honesto, e por isso foram com êle. Outros, ouvindo o convite do Cel. Gunther ao Sr. Keyes para ir ao Espírito Santo foram com êle. O grupo de Gaston escolheu entre as duas áreas que êle examinou segundo seus recursos. Os que quiseram estabelecer-se numa colônia foram para Xiririca com Gaston e os que quiseram comprar sítios e fazendas ou estabelecer-se numa área já relativamente desenvolvida foram para a zona de Campinas, Limeira, Araraquara, Jaú. Muitos emigrantes desceram no Rio de Janeiro. Os Mc Knight ficaram na capital por causa da doença da filha mais velha. Ela morreu e os Mc Knight seguiram o grupo mais tarde. A todos os grupos que continuaram com seus chefes foram dadas passagens livres até as colônias no *Marion*. Os que escolheram a área de Campinas desceram em Santos.

Finalmente, o grupo naufragado (*the shipwreched crowd*) de Mc Mullen, conforme o apelido que lhe deram, chegou ao pôrto de Iguape, junto com os emigrantes que seguiram Gaston e Dunn. Tentando entrar no pôrto, o *Marion* deu com a proa na areia da entrada (uma desvantagem dêste pôrto naquela época). Com a maré e mais uma tentativa o *Marion* entrou no pôrto facilmente. Os chefes subiram o Ribeira de Iguape até a casa do Cel. Bowen no Juquiá, enquanto os outros, ou se refugiaram numa casa grande ou levantaram suas tendas, cozinhando na rua. Os bar-

(19). — *Diário Oficial do Império do Brasil*, n.º 133, (18 de maio de 1867), pág. 3.

cos do rio, pequenos vapores, logo voltaram para levar os emigrantes, mas tinham acomodações para poucas famílias em cada viagem. Além disto, não levou-os até seu destino. Num ponto do rio foram transferidos para canoas em que passaram dias, dormindo à noite nos "portos" e nas praias do rio até chegar à "Casa do Govêrno". "Se", segundo Belona Smith, "tal pode-se chamar de casa", pau a pique, coberta de palha e sem divisões e já completamente ocupada pelos primeiros emigrantes (20).

Os Smith levantaram sua tenda e com os outros *esperaram*. Mc Mullen estava doente de cama na casa de Bowen. Ninguém quis dar nenhum passo até ouvir notícias de Mc Mullen. "Tinha escola dominical com o Revdo. Quillan e o Prof. Smith dirigiu os cantos, acordando os ecos com canções nunca ouvidas antes naqueles vales". Cinco ou seis semanas depois, Frank Mc Mullen morreu. Levaram-no para Iguape onde foi enterrado. Sua irmã, Mrs. Odell, também morreu logo depois. A sua mãe e seu irmão mais novo, Ney, foram para Santos, e daí para Campinas e tempos depois voltaram para os Estados Unidos.

A outra irmã de Mc Mullen, Mrs. Moore, não subiu o rio com os outros. Ficou com seu marido em Iguape. O Dr. George Barnsley tendo tratado de Moore no *Derby* e na viagem tôda, e como uma forte amizade fôsse desenvolvida entre êles, George ficou na sua casa, êle praticando a medicina e Moore a odontologia. Barnsley fôra contratado por Mc Mullen como médico do grupo a trôco de passagem para êle e seu irmão e uma quantia estabelecida entre êles. A passagem os Barnsley receberam, mas não receberam o dinheiro prometido. Ao contrário, durante a viagem, ambos, George e Lucian, emprestaram o dinheiro que êles trouxeram aos outros emigrantes e chegaram a Iguape sem recursos. George dormia numa esteira e comia bananas e pão enquanto estava desenvolvendo sua prática como médico. Quando entrava um pouco de dinheiro — moedas de cobre de quatro centavos (patacas) êle auxiliava os Moore na aquisição de mantimentos. George também participou do que Moore, de vez em quando, arrumava. Muitas vêzes passaram apenas à banana e água. Um dia Moore saiu cedo e voltou à noite com velas, pão, mantimentos e um chapéu cheio de moedas de cobre, dizendo que tivera sorte no jôgo com uns brasileiros no clube. Dessa época em diante a sorte dêles mudou. Barnsley começou a ter um pouco de prosperidade e os Moore foram para o Rio de Janeiro e mais tarde para os Es-

(20). — Ferguson, *op. cit.*

tados Unidos, onde Moore entrou na advocacia em Waco, Texas (21).

Duas semanas após a morte de Mc Mullen a colônia começou a se desintegrar. Uns ficaram firmes, enquanto outros subiram o rio à procura de terras para estabelecer posses. Voltando duma viagem destas o Prof. Smith, Tarver e uns outros puseram suas famílias em canoas e subiram o rio entre as matas densas, tendo passado os rios Peixe, Guanhanhã, Azeite e Areado. Não foram os primeiros americanos no Azeite. Encontraram lá dois marinheiros americanos, Smith (não era parente do professor) e Croney à procura de ouro. Bob Smith, o garimpeiro tinha discutido com seu companheiro, Croney, que mudou para o outro lado do rio onde construiu um rancho. Na área que êle limpou, deixou os Smith levantaram sua tenda. Os Tarver ficaram na casa dum brasileiro, Sr. Camargo, já estabelecido no Azeite. Êle ficou vizinho e grande amigo dos Tarver e Smith durante os três anos seguintes. Umás duas milhas rio acima, no Areado, no ponto extremo das terras cedidas à colônia, o professor comprou uma posse por cinquenta dólares (22).

O lar era uma casa de pau a pique coberta de sapé. Cozinham no chão em potes de barro. O professor e seus filhos fizeram duas divisões dentro da casa, formando dois quartos e um *hall*, e ao lado fizeram um alpendre que serviu como cozinha onde instalaram o pequeno fogão comprado em Nova York. Fizeram portas e camas e tudo mais que foi possível para ter um pouco de conforto. Os Smith ficaram na margem esquerda do rio uns dois anos, plantando na margem direita, onde construíram um depósito para arroz e um chiqueiro. Plantaram café, tabaco, arroz, milho, feijão e cana. Um quilômetro rio acima construíram um açude onde colocaram um engenho com uma roda d'água que êles compraram. As crianças não tinham mais que bater o arroz todos os dias. Fizeram um pasto e compraram dois cavalos de Bowen. Todos os outros cavalos de Bowen por terem comido erva brava morreram.

No fim do segundo ano construíram "uma verdadeira casa americana" — com *weatherboard and shingles* (táboas dispostas à maneira de venezianas e tacos). O professor, Penny e Marsene cortaram as táboas e tacos enquanto Eugene, Preston e um camarada fizeram os postes e vigas. Belona e Marsene amarraram as madeiras em cada lado de seus cavalos e montados encima pas-

(21). — Barnsley, *op. cit.*, (12 de julho de 1919).

(22). — Ferguson, *op. cit.*

saram pelos trilhos estreitos rumo ao local da nova casa cantando tão alto quanto suas vozes puderam, “felizes como reis”.

Todos tinham sapatos também. O professor fêz formas para todo o mundo com peles de veado curtidas em casa e pequenos pregos de madeira, assim ninguém tinha que andar sem sapatos. Fizeram também um aparelho com que uns dos rapazes preparou fumo de corda que se vendia também.

Prepararam mais terra, plantando mais arroz, milho, feijão e cana. Aprenderam a fazer covos (armadilhas para peixe) de seus vizinhos caçaras e tiveram peixe e caça. O professor fêz uma mesa redonda de um só pedaço tirado duma figueira gigante. Ao redor dela as crianças estudavam tôdas as noites. Havia vizinhos também. Os Tarver ficaram no mesmo lugar onde êles pararam a primeira vez, na beira do Azeite, e os Bowen estabeleceram-se mais para cima no Areado. Bowen era o chefe da construção da estrada, que foi construída até Peruipe. Depois de ter sido feito um bom pedaço de estrada os três vizinhos visitavam-se uns aos outros com regularidade. A maioria dos outros colocaram-se nos rios Peixe e Guanhanhã. No Guanhanhã o Revdo. Quillan estabeleceu sua “igreja”, uma árvore grande com bancos espalhados embaixo.

Parece que houve dificuldades com os índios (23) mas não foram tão violentas como as que os imigrantes conheceram na “velha pátria”. Embora os imigrantes mesmo não fizessem referência ao conflito, as autoridades brasileiras tomaram conhecimento. Se não tomaram medidas oficialmente para evitar conflito, os maus entendimentos desapareceram por si. “Guanhanhã” para os guaranis significa “A Terra sem Mal”, e em Guanhanhã os imigrantes viveram em paz. Nos domingos os matos vibravam quando cantavam *There is a Happy Land* (Esta é uma Terra Feliz”) (24).

Quando Eugene, o filho mais velho do professor, tinha vinte anos, resolveu estabelecer-se independentemente. Abriu caminho pelos matos das montanhas até Peruipe onde construiu um rancho, fêz uma roça e voltou para casar com Sue Bowen.

O Revdo. Quillan oficiou o casamento na casa da noiva e no dia seguinte os Smith fizeram um jantar. Os Crawley passaram mais tarde, indo para Peruipe para comprar sal e umas outras ne-

(23). — (Dia 16 de dezembro de 1867) — “A de S. Paulo, a fim de informar os papéis relativos à exigências da thesouraria de fazenda da provincia sobre a colonia de Cananéa. — A mesma sobre a conveniência de transmittir informações completas de forma que possam orientar o governo a tomar providências tendentes a obstar os embaraços oppostos pelos indios do rio de Peixe à medição das terras concedidas ao fallecido A. Mc Mallow”, no *Diário Oficial do Império do Brasil*, 26 de janeiro de 1868.

(24). — Ferguson, *op. cit.*, (24 de dezembro de 1936).

cessidades e o Revdo. Quillan aproveitou a oportunidade para officiar mais uma vez o casamento dos noivos na presença de Crawley. Crawley mesmo casou com a viúva Bunell e mais tarde mudou para Peruibe perto de Eugene.

Uns imigrantes de *Lizzieland* também fizeram uma tentativa nos tributários do São Lourenço. A “Casa do Govêrno” foi construída em Juquiá e os imigrantes logo que chegaram de Iguape ficaram lá mantidos pelo govêrno. Os que como os Smith, Tarver, Crawley, Quillan e Bowen procuraram posses tiveram um pouco de sorte. Os que ficaram em *Lizzieland* perto do Juquiá logo ficaram sabendo que o local escolhido pelo Revdo. Dunn, segundo Barnsley, “foi ditado ou por motivos particulares ou pelos de especulação pessoal”. Os engenheiros disseram que embora a locação fôsse extremamente pitoresca, tinha “o pequeno defeito de não ter terra boa e na época de chuva a metade ficava embaixo d’água” (25). Dunn sabendo que tinha fracassado, hipotecou tôdas as suas propriedades ao seu sócio (pelas quais nunca havia dado nenhum centavo), por 4.000 dólares e foi para os Estados Unidos dizendo que ia trazer novos emigrantes. Nunca mais voltou. Os imigrantes fizeram uma plantação e quase conseguiram uma colheita, mas com as chuvas tudo ficou embaixo d’água. Nada foi salvo. Além disto, quando baixaram as águas a febre chegou duma vez e *Lizzieland* acabou.

Os emigrantes que seguiram o Dr. Gaston em Xiririca tinham boas terras, ótimas plantações e excelentes colheitas, mas as terras demarcadas por êles foram requeridas pelos brasileiros, as estradas prometidas nunca foram construídas e as colheitas nunca foram vendidas. Dentro pouco não existia nem vestígios das forças gastas. Muitos voltaram aos Estados Unidos, uns espalharam-se por aí, desaparecendo dentro da população local, outros foram para Campinas e outros lugares. O próprio Dr. Gaston foi para Campinas, estabelecendo-se lá como médico.

Os Eugene Smith abandonaram Peruibe e voltaram ao Azeite e Areado, construindo uma boa casa perto dos Tarver. Lá nasceu a primeira neta — Eugenie Smith. No Guanhanhã e o Peixe tôdos os imigrantes, menos o Revdo. Quillan, foram embora — uns para os Estados Unidos, outros para Campinas e outros mais para pontos diversos. Uns tempos depois os Bowen e Tarver também foram embora.

Os Smith eram felizes no Azeite e no Areado, mas não tinham um mercado perto e, depois de três anos, não tinham vizinhos. Um

(25). — Barnsley, *op. cit.*, (14 de junho de 1919).

dia, o professor falou à sua esposa, "Sarah, isto não está certo. Nós temos que sair daqui de qualquer maneira".

Por meio de Iguape estava além de seus recursos financeiros — a passagem era cara de Iguape para Santos e a família grande. Iguape também não era um pôrto bastante freqüentado e o tempo que teriam que ficar em Iguape acabaria com o pouco que tinham. Havia uma só saída — a pé pelas montanhas a Peruibe e pela praia a Santos.

Os Smith largaram seus lares no Areado e Azeite para estabelecerem-se em Campinas (26).

Como os Smith, muitos foram embora. Uns ficaram para serem completamente assimilados dentro das comunidades as quais êles pertenciam nos sertões do Eldorado Paulista, Sete Barras, Pariquera-açú, Capão Bonito — uns depois de serem assimilados voltaram para Juquiá.

Em 1890 o Dr. Horace Manley Lane, diretor do Mackenzie College comprou a Fazenda Poço Grande do Sr. Wm. T. Wright, procurador das propriedades de Dunn e seu sócio, e em 1896 convidou o Revdo. Willis Banks para administrar a fazenda. Banks era filho de emigrantes americanos que se estabeleceram no Paraná, onde êle converteu-se ao presbiterianismo, preparando-se para ser ministro. Tinha relutância em mudar-se para Juquiá — todos falavam mal de Juquiá, do clima, do calor, das chuvas, dos pernilongos, mas resolveu ir sozinho, dar uma "olhada". Achou tudo feio. A vila ainda tinha cachetal no caminho do pôrto e possuía mais ou menos umas seis casas. Não havia linha de vapor, nem correio, nem escola e a igreja católica encontrava-se em ruínas. A estrada de Itapetininga a Sete Barras ainda não havia sido feita.

Voltou para o Paraná e escreveu a Lane confirmando sua ida e "no dia 16 de janeiro de 1897, pelas 10 ou 11 horas da noite, iluminada por um belo luar, aportava uma segunda "caravana", não de norte-americanos, mas de evangelistas brasileiros para, no mesmo ponto proclamarem o Santo Evangelho, não mais em inglês, e sim na própria língua dêste bom povo! — Creio que aqui é Canaã" (27).

Gaston em suas investigações por essas terras (1865) ficou convicto que o café lá produzia só por uns anos e depois a produção caía, até morrer (28). Mas no Poço Grande plantaram café, e Banks escreveu a Lane:

(26). — Ferguson, *op. cit.*, (31 de dezembro de 1936).

(27). — *Testamento Espiritual de Wills Roberto Banks* (São Paulo, 1943).

“os cafezais daqui de fóra estão bem tratados, morreo alguns pez mais nóvos, mais está-se replantando. Os café do Izidoro estão mto carregados” (29).

Juquiá estava renascendo!

E em 1912, quinze anos depois, Mary Dascomb, a diretora da Escola Americana em Curitiba, escreveu ao Dr. Lane, “Como vai Juquiá? Já é uma fonte de muita renda?” (30).

Não, não era!

FRANK GOLDMAN

Auxiliar de ensino da Cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(28). — Gaston, *op. cit.*, pág. 350.

(29). — Carta de Willis Banks ao Dr. H. M. Lane, 30 de abril de 1897 (microfilmada).

(30). — Carta de Mary F. Dascomb ao Dr. H. M. Lane, 17 de junho de 1912 (microfilmada). Também em Frank Goldman, “As Cartas de Miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Manley Lane”, *Anais do Museu Paulista* (no prelo).